ISSN: 2358-8829

METODOLOGIAS LÚDICAS NO ENSINO DE ORIENTAÇÃO GEOGRÁFICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA TURMA DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

João Paulo Bezerril Nogueira Ferreira[1]

INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia na Educação Básica desempenha papel fundamental na formação de sujeitos capazes de compreender e interpretar criticamente o espaço geográfico e as relações estabelecidas entre sociedade e natureza. Nessa perspectiva, a aprendizagem geográfica ultrapassa a memorização de conteúdos, envolvendo o desenvolvimento do pensamento espacial e a construção de conhecimentos relacionados às experiências vivenciadas pelos estudantes. Para isso, torna-se necessário mobilizar práticas pedagógicas que aproximem os conteúdos escolares da realidade dos educandos e favoreçam uma aprendizagem significativa (BRASIL, 2018).

Apesar dessa relevância, o ensino de Geografia ainda enfrenta desafios relacionados à predominância, em determinadas situações, de práticas centradas na transmissão de conteúdos, que podem limitar a participação dos estudantes e dificultar a compreensão de conceitos que exigem observação, interpretação e aplicação prática. Esse cenário pode contribuir para que a disciplina seja percebida como excessivamente teórica e distante do cotidiano dos alunos, repercutindo na motivação e no processo de aprendizagem (SANTOS et al., 2019). É nesse contexto que as metodologias lúdicas apresentam-se como uma possibilidade didático-pedagógica capaz de estimular a participação, a cooperação, a resolução de problemas e a mobilização de conhecimentos prévios. No ensino de Geografia, jogos e atividades práticas podem favorecer o desenvolvimento do raciocínio espacial e a apropriação dos conteúdos de maneira mais dinâmica, sobretudo quando relacionados à orientação e à localização geográfica (QUADROS et al., 2023).

[1] Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, jbezerrilnogueiraferreira@gmail.com

ISSN: 2358-8829

A orientação e a localização constituem conhecimentos fundamentais para a leitura e representação do espaço geográfico nos anos finais do Ensino Fundamental. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca a importância do desenvolvimento do pensamento espacial a partir de diferentes linguagens, representações cartográficas e práticas que possibilitem ao estudante compreender o espaço vivido e interpretar fenômenos geográficos em diferentes escalas (BRASIL, 2018). Nesse sentido, estratégias que articulem os conhecimentos teóricos às situações práticas podem contribuir para a compreensão e aplicação desses conteúdos.

Essa perspectiva também se relaciona à formação inicial docente, na qual o estágio supervisionado constitui um espaço de aproximação entre os conhecimentos desenvolvidos na universidade e a realidade escolar. Mais do que um momento de observação ou aplicação de técnicas, o estágio possibilita investigar e refletir criticamente sobre a prática pedagógica, articulando ensino, pesquisa e formação docente (PIMENTA; LIMA, 2010; MINAYO, 1994). Foi nesse contexto que se realizou uma intervenção pedagógica em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Castro Alves, localizada no bairro de Nova Descoberta, em Natal/RN. A intervenção partiu dos conteúdos de orientação e localização geográfica trabalhados pela professora regente e envolveu duas atividades lúdicas: um jogo de perguntas e respostas e uma dinâmica de caça ao tesouro. As atividades buscaram reforçar os conceitos estudados, estimular a participação dos estudantes e favorecer a resolução colaborativa de desafios.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar as contribuições das metodologias lúdicas para o ensino da orientação geográfica a partir de uma experiência desenvolvida durante o Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia II, buscando compreender de que maneira essas estratégias podem contribuir para a participação dos estudantes e para a aprendizagem dos conteúdos relacionados à orientação e à localização no espaço geográfico. Os resultados evidenciaram maior envolvimento dos estudantes nas atividades e a mobilização prática de conhecimentos geográficos, especialmente durante a interpretação do mapa da escola, a utilização de referências espaciais e a resolução coletiva dos desafios propostos. A experiência também demonstrou a relevância da mediação docente e do planejamento pedagógico para que a ludicidade se constitua como estratégia articulada aos objetivos de aprendizagem. Nesse

sentido, considera-se que práticas lúdicas, quando integradas aos conteúdos escolares e fundamentadas pedagogicamente, apresentam potencial para favorecer formas mais participativas e contextualizadas de ensino da orientação geográfica.

METODOLOGIA

O trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida na modalidade de relato de experiência, a partir de uma intervenção pedagógica realizada durante o Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia II (Projetos Geoeducacionais), do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A abordagem qualitativa foi adotada por possibilitar a interpretação dos fenômenos educacionais considerando os sujeitos, suas práticas e o contexto em que estão inseridos, privilegiando a compreensão dos processos observados em detrimento de sua mensuração quantitativa (MINAYO, 1994).

A experiência ocorreu na Escola Estadual Castro Alves, em Natal/RN, com uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental, no turno vespertino, composta por 38 estudantes presentes no dia da intervenção. O planejamento partiu das observações realizadas durante a etapa inicial do estágio, quando se identificou que a professora regente trabalhava conteúdos relacionados à orientação e à localização geográfica. A partir desse contexto, foi elaborado um projeto geoeducacional destinado ao fortalecimento desses conhecimentos por meio de metodologias lúdicas. Tal perspectiva compreende o estágio supervisionado como espaço de articulação entre teoria e prática, investigação da realidade escolar e elaboração de intervenções fundamentadas nas necessidades observadas no contexto educacional (PIMENTA; LIMA, 2010).

O percurso metodológico foi organizado em três momentos. O primeiro correspondeu à observação das aulas da professora supervisora, com atenção à dinâmica da turma, ao planejamento didático e aos conteúdos desenvolvidos. No segundo, foram realizadas duas aulas de revisão dos conceitos de orientação e localização geográfica. No terceiro momento, aplicaram-se duas atividades lúdicas elaboradas pelos estagiários: um jogo de perguntas e respostas, organizado na modalidade “Passa ou Repassa”, e uma

ISSN: 2358-8829

dinâmica de “Caça ao Tesouro”, na qual os estudantes resolveram desafios envolvendo referências espaciais, pontos cardeais e estratégias de orientação.

A produção das informações ocorreu por meio da observação direta da participação dos estudantes durante as atividades. Foram considerados aspectos como envolvimento nas dinâmicas, interação entre os grupos, mobilização dos conhecimentos geográficos, resolução dos desafios e participação nas discussões. As observações foram registradas pelos estagiários durante e após a intervenção e constituíram o principal material empírico da pesquisa. A análise foi realizada de forma interpretativa, relacionando os registros da experiência aos pressupostos teóricos adotados no trabalho, com ênfase nas potencialidades e nos limites das metodologias lúdicas para o ensino da orientação geográfica. Por sua natureza qualitativa e situada, o estudo não busca generalizar os resultados, mas contribuir para a reflexão sobre práticas participativas no ensino de Geografia e sobre a formação inicial docente.

REFERENCIAL TEÓRICO

O ensino de Geografia contribui para a formação dos estudantes ao possibilitar a compreensão das relações entre sociedade, natureza e espaço geográfico, favorecendo o desenvolvimento do pensamento espacial e do raciocínio geográfico. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca que esse processo envolve a mobilização de princípios como localização, conexão, distribuição, diferenciação e analogia, fundamentais para a interpretação dos fenômenos espaciais e para a compreensão crítica da realidade (BRASIL, 2018).

Essa perspectiva acompanha transformações ocorridas na própria ciência geográfica e em seu ensino. Conforme Pimentel et al. (2019), a Geografia escolar passou gradativamente de uma abordagem predominantemente descritiva para concepções voltadas à compreensão das relações sociais e da produção do espaço. Essa mudança reforça a necessidade de práticas pedagógicas que articulem os conceitos geográficos às experiências cotidianas dos estudantes, favorecendo aprendizagens contextualizadas e socialmente significativas (PIMENTEL et al., 2019; BRASIL, 2018).

ISSN: 2358-8829

Apesar desses avanços, práticas centradas na exposição oral e na memorização de conteúdos ainda podem dificultar a participação dos estudantes e a compreensão da Geografia como instrumento de leitura da realidade. Ao discutirem os limites dessas práticas no processo de ensino-aprendizagem, Santos et al. (2019, p. 206-207) argumentam:

> A didática é um fator primordial que possibilita a compreensão dos conteúdos de geografia, outro ponto relevante é os métodos tradicionais se apresentam ineficazes para atender as necessidades dos alunos. A realidade dos alunos exige uma abordagem de visão holística considerando a capacidade de envolvimento e participação dos educandos com agentes produtores de conhecimento. Nessa perspectiva, levando-se em consideração esses aspectos a repetição e memorização se apresenta de forma ultrapassada e ineficaz ao desenvolvimento intelectual dos alunos. (SANTOS et al., 2019, p. 206-207).

A reflexão dos autores reforça a necessidade de estratégias que ampliem o protagonismo dos estudantes e favoreçam a mobilização dos conhecimentos geográficos em situações concretas. Nesse sentido, cabe ao professor criar situações didáticas que articulem teoria e prática e possibilitem uma aprendizagem contextualizada (BRASIL, 2018).

No âmbito da formação inicial docente, o Estágio Supervisionado constitui um espaço privilegiado para essa articulação. Pimenta e Lima (2010) defendem o estágio como momento de reflexão, investigação e construção da identidade profissional, superando a ideia de simples observação ou reprodução de práticas pedagógicas. Nessa mesma direção, a perspectiva qualitativa de Minayo (1994) contribui para compreender a realidade educacional a partir de sua complexidade e do contexto em que os fenômenos se produzem, reforçando a relação entre teoria, investigação e prática.

Entre as estratégias capazes de favorecer maior participação dos estudantes, destacam-se as metodologias lúdicas. Jogos didáticos, dinâmicas e atividades investigativas podem estimular a cooperação, a resolução de problemas e a mobilização de conhecimentos previamente construídos. No ensino de Geografia, tais estratégias apresentam potencial para o desenvolvimento do raciocínio espacial e da alfabetização cartográfica, aproximando conteúdos abstratos de situações concretas de aprendizagem (QUADROS et al., 2023; BRASIL, 2018). Quadros et al. (2023), ao discutirem atividades como o “Caça ao Tesouro Geográfico”, evidenciam contribuições para o desenvolvimento de habilidades relacionadas à orientação e à localização, além da

ISSN: 2358-8829

interação e do trabalho colaborativo entre os estudantes. Foi a partir dessa perspectiva que se estruturou a intervenção pedagógica analisada neste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da intervenção foram analisados a partir de três categorias articuladas entre si: participação e aprendizagem colaborativa; mobilização prática dos conhecimentos de orientação geográfica; e contribuições do estágio supervisionado para a formação docente e para a aproximação entre universidade e escola.

A primeira categoria refere-se à participação dos estudantes e à aprendizagem construída de forma colaborativa. No jogo de perguntas e respostas, desenvolvido na modalidade “Passa ou Repassa”, a turma foi dividida em dois grupos que discutiam coletivamente as respostas relacionadas à orientação geográfica, localização espacial, rosa dos ventos e pontos cardeais e colaterais. Ao longo da atividade, observaram-se dificuldades principalmente na identificação dos pontos colaterais e na interpretação de determinadas situações de orientação espacial. Entretanto, o diálogo entre os integrantes dos grupos e a mediação dos estagiários e da professora supervisora favoreceram a revisão dos conhecimentos e a construção coletiva das respostas. Essa dinâmica evidenciou que o erro não se constituiu apenas como dificuldade, mas também como possibilidade de retomada e reconstrução dos conteúdos durante a própria atividade.

Nesse sentido, a experiência aproxima-se da compreensão de Quadros et al. (2023), segundo a qual os jogos didáticos podem favorecer interação, socialização, cooperação e desenvolvimento de habilidades, contribuindo para uma aprendizagem mais participativa. Também se verificou elevado envolvimento dos estudantes durante as atividades, aspecto que dialoga com Santos et al. (2019) ao destacarem a importância de práticas capazes de ampliar a participação discente e reduzir a desmotivação no ensino de Geografia. A dimensão competitiva presente nas propostas não eliminou o caráter cooperativo: após a conclusão do “Caça ao Tesouro”, os integrantes do grupo vencedor compartilharam espontaneamente parte da premiação com os demais colegas,

ISSN: 2358-8829

demonstrando que a atividade também mobilizou atitudes de cooperação e solidariedade.

A segunda categoria diz respeito à aplicação prática dos conhecimentos relacionados à orientação e à localização geográfica. Essa dimensão tornou-se mais evidente na atividade "Caça ao Tesouro", realizada no espaço escolar. Para localizar as pistas, os estudantes utilizaram um mapa da própria escola, confeccionado anteriormente durante as aulas de Geografia, além da rosa dos ventos, dos pontos cardeais e de referências espaciais presentes nos desafios. A dinâmica exigiu que os participantes interpretassem as informações disponíveis, tomassem decisões coletivamente e aplicassem conhecimentos anteriormente trabalhados em sala de aula.

A atividade permitiu, portanto, que conteúdos inicialmente abordados de forma conceitual fossem mobilizados em uma situação concreta. Mais do que encontrar as pistas, os estudantes precisaram estabelecer relações entre a representação cartográfica e o espaço escolar efetivamente percorrido, favorecendo o desenvolvimento do raciocínio espacial. Tal resultado está relacionado às orientações da BNCC, que propõe o desenvolvimento do pensamento espacial e do raciocínio geográfico mediante diferentes formas de representação e interpretação do espaço (BRASIL, 2018). Também dialoga com Quadros et al. (2023), que apontam o potencial de atividades como o "Caça ao Tesouro Geográfico" para trabalhar localização, orientação e leitura do espaço de maneira contextualizada.

Os achados indicam, assim, que as metodologias lúdicas favoreceram não apenas maior envolvimento, mas também a mobilização dos conhecimentos geográficos em situações que exigiam interpretação e resolução de problemas. Contudo, a experiência não permite afirmar que as dificuldades conceituais tenham sido integralmente superadas ou estabelecer relações generalizáveis para outros contextos escolares. O que se observou foi que as atividades criaram condições para que conhecimentos previamente trabalhados fossem retomados, discutidos e aplicados de maneira coletiva e contextualizada.

A terceira categoria refere-se às contribuições da experiência para a formação inicial docente. A intervenção foi elaborada a partir das observações realizadas durante

ISSN: 2358-8829

o estágio e articulada ao conteúdo que já vinha sendo desenvolvido pela professora regente. Esse processo envolveu diagnóstico da realidade da turma, planejamento, elaboração de recursos, aplicação das atividades, observação das respostas dos estudantes e posterior reflexão acerca dos resultados. Dessa maneira, o estágio configurou-se como espaço de articulação entre os conhecimentos acadêmicos e as demandas concretas da prática educativa.

Essa compreensão converge com Pimenta e Lima (2010), para quem o estágio supervisionado constitui espaço de reflexão e produção de conhecimentos sobre a docência, superando a ideia de simples aplicação de técnicas previamente definidas. A experiência também evidenciou a importância da observação e da interpretação do contexto escolar, aspecto relacionado à perspectiva qualitativa discutida por Minayo (1994), na medida em que a realidade educacional foi compreendida a partir das relações e situações vivenciadas durante a intervenção.

Além da dimensão pedagógica, a atividade favoreceu a aproximação entre universidade e escola. Ao término da intervenção, foi realizado um diálogo com os estudantes sobre a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o Curso de Licenciatura em Geografia e as possibilidades de ingresso no ensino superior. Embora esse momento não estivesse diretamente relacionado aos conteúdos de orientação geográfica, contribuiu para ampliar a interação entre os licenciandos e os estudantes da Educação Básica e evidenciou o estágio como espaço de troca entre diferentes sujeitos e instituições educativas.

De modo geral, os resultados demonstram que as metodologias lúdicas apresentaram potencial para favorecer a participação dos estudantes, o trabalho colaborativo e a utilização prática dos conhecimentos relacionados à orientação e à localização geográfica. Ao mesmo tempo, a experiência evidenciou que sua contribuição depende do planejamento pedagógico, da mediação docente e da articulação das atividades com os conteúdos anteriormente desenvolvidos. No âmbito da formação inicial, o estágio possibilitou observar, planejar, intervir e refletir sobre a prática, contribuindo para a compreensão da docência como atividade que envolve investigação permanente da realidade escolar.

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência analisada permitiu compreender que as metodologias lúdicas podem contribuir para o ensino da orientação geográfica ao favorecerem a participação dos estudantes, a cooperação e a aplicação prática de conhecimentos relacionados à localização e à orientação no espaço. O jogo de perguntas e respostas e a dinâmica "Caça ao Tesouro" possibilitaram retomar conteúdos trabalhados anteriormente e mobilizá-los em situações concretas, especialmente por meio da interpretação de referências espaciais, da utilização da rosa dos ventos e da leitura do mapa da escola.

Os resultados também indicaram que a ludicidade, quando vinculada a objetivos pedagógicos definidos e acompanhada pela mediação docente, pode ultrapassar o caráter meramente recreativo e constituir-se como estratégia de aprendizagem. As atividades favoreceram o envolvimento da turma, a discussão coletiva e a resolução de desafios, ao mesmo tempo em que permitiram identificar dificuldades relacionadas à orientação espacial e retomá-las durante o desenvolvimento da intervenção.

No âmbito da formação inicial, a experiência reafirmou o estágio supervisionado como espaço de articulação entre teoria e prática, uma vez que envolveu observação da realidade escolar, planejamento, intervenção e reflexão sobre os resultados alcançados. A aproximação entre universidade e escola também possibilitou a troca de experiências entre licenciandos, professora e estudantes da Educação Básica, contribuindo para a construção da identidade docente.

Por tratar-se de uma experiência realizada em uma única turma e analisada a partir de observações produzidas no contexto do estágio, seus resultados não devem ser generalizados para outras realidades escolares. Ainda assim, o trabalho evidencia possibilidades de aplicação de metodologias lúdicas no ensino de conteúdos cartográficos e aponta para a importância de novas experiências e pesquisas que investiguem seus efeitos em diferentes turmas, contextos e etapas da Educação Básica. Assim, espera-se contribuir para o debate sobre práticas pedagógicas participativas no ensino de Geografia e para a formação de professores comprometidos com abordagens contextualizadas e reflexivas.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; metodologias lúdicas; orientação geográfica; estágio supervisionado

AGRADECIMENTOS

Registramos, de modo especial, um singelo agradecimento e reconhecimento à professora supervisora e aos estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, cuja participação, disponibilidade e colaboração foram essenciais para a realização da intervenção e para a construção das reflexões apresentadas neste trabalho.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em 26 set. 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PIMENTEL, Maria Nathália da Silva; SILVA, José Marcelo Gabriel da; OLIVEIRA JÚNIOR, Francisco Antônio de; LIMA, Thiago Akilla Isidio Ventura de; OLIVEIRA, Paulo Cesar de. Evolução e dificuldades no ensino de Geografia na atualidade brasileira. In: **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU)**, 2019. Anais. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/60456. Acesso em 26 set. 2026.

QUADROS, Jeane Araújo; JESUS, Vitória Santos de; CALDAS, Maísa Barbosa; SILVEIRA, Bruno Rodrigues da. Jogo didático: caça tesouro geográfico. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA (ENPEG)**. 2023.

SANTOS, Maria Sonia Moura dos; SILVA, Reynaldo Daivyd Lopes da; SILVA, Maria Camila Nunes da; SILVA, Claudionor de Oliveira. O desafio no processo de aprendizagem mediante a realidade da escola pública: uma análise da desmotivação dos alunos nas aulas de Geografia. **Diversitas Journal**, Santana do Ipanema, v. 4, n. 1, p. 203-211, jan./abr. 2019. Disponível em: https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/568. Acesso em 26 set. 2026.